

Roberto.

(Original de 1914)

1º ATO

"Don Carlos"

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL PORTE PARA ABERTURA DO 1º ATO.

- Narrador - Ana Catarina era um tipo nórdico de extraordinária beleza, nos seus lindos olhos de um azul puríssimo, na sua boca sensualmente marcada e provocante, na branqueira dos seus dentes perolhos e brilhantes e no seu porte heráldico e magestoso, misto de graça e dignidade. Fazendo lembrar, ora uma fiôr que a brisa balouçava na própria haste, ora uma princesa dos tempos feudais a posar, serena e altiva, nos olhos deslumbrados dos seus vassallos. (T, o F.) Era rica e elemento de enorme projeção no seio da sociedade onde vivia. Tinha uma vasta roda de admiradores e pretendentes, a quem tratava com urbanidade, mas sem baixar, nunca, do alto pedestal de sua imensa vaidade e do seu orgulho desmedido. (T) Sua mãe, Dona Azalêa, senhora de tradicional família da cidade, ansiava por ver a filha casada com um rapaz digno e capaz de gerir, com acerto, a fortuna que lhe ficara por morte de seu marido. Não se cansava, por isso, de repetir à filha a todo o instante:
- Azalêa - Quem muito escolhe pouco acerta, minha filha. Você não deve ser tão exigente.
- Ana - Óra esta, exigente, mãe! Então a senhora queria que eu dissesse "sim" a qualquer dos rapazes que se pediam em casamento? Mas cujos todos sem eira nem beira!
- Azalêa - Gostados, minha filha?! Mas então o Victor era um coltado?
- Ana - (despreso) Pouco mais do que isso.
- Azalêa - Não diga semelhante coisa, senão! Um rapaz de ótima família e com esplendida colocação.
- Ana - A senhora acha esplendida colocação ser parente de uma casa comercial?
- Azalêa - Depende da casa, sem dúvida, mas a que ele trabalha é uma grande casa.
- Ana - A senhora não entende disto. Ainda que seja um grande casa... quanto ele pode ganhar? Quinze ou vinte mil cruzados. É o que é isto? Menos do que eu gasto mensalmente com os meus vestidos.
- Azalêa - O Tertuliano era fazendeiro e você também o recusou.
- Ana - (pouco caso) Fazendeiro! Se você chama de fazendeiro a quem possui seis quadras de sesmaria... como iremos classificar os que são realmente fazendeiros?
- Azalêa - Mas você é rica, minha filha; não tem necessidade de...
- Ana - (corta) Sou rica mas o dinheiro é meu e não posso usar comigo não devo contar com ele. Deve ter o necessário para satisfazer todos os meus caprichos. O Tertuliano era um *verdeirinho* que sabia enou alcançar muito com os simples pedaços de campo.

- Azaléa - O Ewandro também era bom rapaz... o Abílio... o...
- Ana - (corta, enjoadá) Óra, mãe, por favor! Eu não quero me casar com um homem que se valha do meu nome e da minha fortuna para se firmar na vida. Quero um que tenha tudo de seu. Si não tiver mais do que eu, que tenha, pelo menos, tanto como eu. (TOM) Escute uma coisa, mãe: que desespero é esse de me ver casada, hein?
- Azaléa - Não é desespero, minha filha...
- Ana - Como não é, si a senhora não tem outra preocupação? Si só fala nisto a todas as horas do dia e da noite? Si não é desespero o que é?
- Azaléa - Preocupação.
- Ana - Mas preocupação por que? Que tolice é essa?
- Azaléa - Minha filha, lembre-se que eu não sou eterna... que a solidão é horrível e que você já está com vinte sete anos.
- Ana - E o que tem isto? A senhora quer dizer que estou ficando velha?
- Azaléa - Velha, não, mas a verdade é que todas as suas amigas já estão casadas, menos ~~ela~~ você.
- Ana - Mas também... (pouco caso) para casar como elas... prefiro ficar solteira.
- Azaléa - Você fala de um modo que até parece que elas estão muito mal casadas.
- Ana - Para mim estão.
- Azaléa - Porque você é muito exigente, minha filha; a Enilda está muito bem, a Glorinha igualmente e a Tereza não se pode dizer que tenha feito lá um grande casamento, mas a verdade é que mal não está. A única que se pode considerar mal, mesmo, é a Sonia, coitada.
- Ana - Para mim todas elas estavam muito melhor solteiras. Pelo menos levavam outra vida. O que é que elas têm hoje? Uma está criando porcos... a outra está criando filhos... e as outras duas, então, nem se fala.
- Azaléa - Mas minha filha, é sabido que a moça quando se casa tem que mudar de vida.
- Ana - as nunca para pior.
- Azaléa - Bem, mas quem pode lá saber o dia de amanhã, menina?
- Ana - (sentenciosa) Eu sei.
- Azaléa - Ah sabe? Então você é adivinha?
- Ana - Não é preciso ser. Basta saber prever para não ter que remediar.
- Azaléa - Está bem, minha filha, eu não discuto mais com você. Estou apenas querendo lembrar-lhe que o tempo passa, a gente vai ficando para trás e si a solidão nos alcança a vida deixa de ser vida para se tornar uma pesada cruz.
- Ana - Não se preocupe por isso. Por muito que o tempo passe e procure me rastrear com ele... haverá sempre alguém correndo atrás de mim. A minha beleza e a minha fortuna não valem alguma coisa? Valem e muito!
- Narrador - Embora Ana Catarina repetisse, constantemente, à dona Azaléa a sua ilimitada confiança no futuro, a pobre senhora, por intuição ou por covardia, não conseguia libertar-se dos seus temores, para os quais buscava refúgio, diariamente, nas suas orações. E tanto rezou, tanto

- pediu um noivo para a sua filha que Santo Antônio resolvesse fazer-lhe a vontade. Apareceu, deslumbrando a cidade, um rapaz que todos diziam ser dono de várias estâncias na fronteira e que, tendo regressado do Rio de Janeiro, onde se formara em direito, viera tomar posse da vultosa herança do pai. Tinha automóvel de luxo, cavalos no prado, parava no melhor hotel da cidade e fazia festas alegres, comentadíssimas nas rodas boêmias da cidade. Ana Catarina foi apresentada a êle numa reunião elegante. Conversaram... dançaram... e ao fim de poucos dias de encontros em boites... matins e passeios de rua, o rapaz começou a frequentar-lhe a casa. Uma noite...

Odorico- Ana, eu preciso falar seriamente com você.

Ana - Você me assusta, Odorico. Que aconteceu?

Odorico- Ainda não aconteceu, mas vai acontecer.

Ana - Então já sei. Você vai embora e não pretende voltar; não é isto?

Odorico- Por que ha de ser assim desconfiada e pessimista?

Ana - Porque apesar de ter apenas vinte e poucos anos, conheço bem a vida e os homens.

Odorico- Você pensa que nos conhece, Ana, mas é uma ilusão sua, da mesma forma que será nossa pretendendo conhecer as mulheres.

Ana - É... talvez você tenha razão... mas vamos ao que serve: qual o assunto sério que você tem a tratar comigo?

Odorico- Nós já nos conhecemos ha mais de vinte dias; não é isto?

Ana - Mais ou menos. Por que?

Odorico- Bem... talvez nos devêssemos conhecer melhor para que eu tomasse a atitude que pretendo tomar agora.

Ana - Como assim? Não estou entendendo ainda você quer chegar.

Odorico- Tenha calma que acabará entendendo. (T) Ana, eu sou um homem de quasi trinta anos... solteiro... rico... e cansado de viver só.

Ana - Ah bem! Agora que a cerração está levantando e eu começo a dividir alguma coisa.

Odorico- Não, Ana, você já divisou tudo. O fato é este: gostei de você e desejo para minha esposa. Você me permite falar com sua mãe?

Ana - Para que? Não há necessidade nenhuma. Nunca nunca se envolvi nos meus assuntos íntimos. Eu os resolvo sozinha e depois comunico a ela.

Odorico- Bem... então si é assim... eu estou lhe pedindo para que seja minha esposa. Que resolve você?

Ana - Eu sou obrigada a lhe dar uma resposta imediata?

Odorico- Bem, obrigada não, mas eu lhe confesso que para os assuntos dessa natureza eu não tenho lá muita paciência de esperar. Gosto de resolver tudo na mesma hora.

Ana - Muito bem, então... para que você não tenha muito que esperar, vamos debater agora mesmo o assunto. Admitindo que eu cedesse ao seu pedido... onde você pretendia morar, depois de casado?

Odorico- Onde mais lhe agradasse. Em qualquer das minhas estâncias ou aqui na cidade, numa casa ou apartamento que nos comprariamos.

- Ana - E a sua permanência aqui não implicaria em prejuízo para os seus negócios?
- Odorico - Absolutamente. Tenho gente de toda confiança à testa das minhas estâncias e não necessitaria de fazer mais que uma viagem a cada uma delas, anualmente. Aliás como estou fazendo agora.
- Ana - Bem... sendo assim... (T) Porque eu vou lhe dizer com toda a franqueza: eu não tolero a vida de fora. Nasci para viver nos grandes centros.
- Odorico - E casando-se comigo não viverá si não quiser. É só você desejar e nós iremos fixar residência no Rio ou São Paulo, onde você escolher.
- Ana - (alvoogo contido) É verdade?! Você está falando seriamente?!
- Odorico - Claro que estou. Por que motivo haveria de mentir-lhe?
- Ana - Bem... então sobre isto nós falaremos mais tarde. Está bem?
- Odorico - Como você desejar. (P.T.) Mas que resolve, afinal? Está de acordo em se tornar minha noiva?
- Ana - Estou, Odorico.
- Odorico - Obrigado. Eu tenho a certeza de que hei de fazer tudo para torná-la feliz. (T) Vá chamar sua mãe, agora.
- Ana - Mas eu já lhe disse que mãe não interfere na minha vida íntima.
- Odorico - Já sei, mas de qualquer forma não deixa de ser uma atenção da minha parte para com ela. Chame-a, por favor.
- Ana - Está bem. Já que você insiste...
- Narrador - Dona Azalésa veio à sala e o pedido foi feito com todas as formalidades do estilo. A pobre senhora não podia disfarçar a sua imensa satisfação. Era como se, naquele momento, lhe houvessem tirado das costas um pesado fardo que ela sofria em silêncio ao carregar.. Foram feitas as participações aos amigos e assinalado o acontecimento com uma grande festa oferecida por dona Azalésa à sociedade. Ana Catarina estava deslumbrante, exibindo um maravilhoso ocolar de brilhantes que Odorico lhe ofertara como presente de noivado. Durante quatro ou cinco meses o noivado correu normalmente. De repente, Odorico anuncia à noiva e à future sogra a venda de uma das suas estâncias.
- Azalésa - Por que motivo vai vender a sua fazenda? Há alguma vantagem nisso?
- Ana - Óra, mãe, naturalmente que há. Si não houvesse o Odorico iria vendê-la?
- Odorico - Eu lhe explico, dona Azalésa: a estância do Suspiro fica muito distante e, por esse motivo, muito difícil de ser controlada. Além disso, o administrador que eu tenho lá não tem produzido grande coisa e me obriga, seguidamente, a desembolsar uma importância bem regular. Óra, diante disto e da proposta que me apareceu, eu achei um grande negócio vendê-la.
- Azalésa - Mas e se o senhor mudasse o administrador?
- Ana - Óra, mãe, naturalmente que o Odorico deve saber o que faz. Além disso, a senhora pouco entende do assunto para pretender dar uma opinião acertada, não acha?

- Azaléea - Não, minha filha, eu sei que não entendo do assunto e nem falo com o propósito de fazer valer a minha opinião...
- Ana - (corta) Então por que fala?
- Azaléea - Porque me dá pena ver alguém se desfazer de uma coisa que lhe pertence, entende?
- Odorico - Bem... si eu tivesse unicamente essa estância, não deixava realmente de ser uma pena desfazer-me dela, mas como tenho ainda mais três e que me dão renda mais que suficiente para viver...
- Ana - É claro. Tanto mais que nós estamos pretendendo comprar casa no Rio ou São Paulo.
- Odorico - Bem, por causa disso eu também não teria necessidade de vender coisa alguma. Os motivos são somente os que enunciei para dona Azaléea, mas penso que são mais do que justos, não é verdade?
- Azaléea - Claro que são! Nem eu tive a intenção de dizer o contrário. Eu já digi se a razão porque falei - fiquei com pena, mas é lógico que o senhor sabe o que faz.
- Ana - É, Odorico, não faça caso. A mãe sempre tem que dizer alguma coisa. Depois você se acostuma com ela.
- Narrador - Odorico vendeu a estância do Suspiro e sua intenção era comprar uma casa ao gosto da noiva em São Paulo ou no Rio. Aconteceu que não o fez em seguida e ao fim de três meses o dinheiro fora queimado em pedras, joias, fatiotas e todas as demais exigências de um nababo, que era como ele vivia. Não demorou muito a segunda estância foi vendida e ele viajou logo para o Rio, afim de satisfazer aquela aspiração da noiva. Lá permaneceu pelo espaço de mais de sessenta dias, regressando, afinal, sem realizar ~~comprar~~ a compra projetada. Empregou o dinheiro num negócio que, segundo lhe haviam afirmado, renderia milhões no espaço mínimo de dez meses. Antes que tivesse transcorrido a metade de es quele tempo, verificou que havia sido vítima de um embuste e os milhões se desfizeram como castelos de areia. Reduzido à metade dos seus rendimentos sem que ele fizesse qualquer esforço para reduzir também os seus gastos imensos, não demorou muito em que a terceira das suas estâncias fôsse sacrificada para pagamento de inúmeras dívidas contraídas. Percebendo a necessidade de modificar a sua maneira de viver antes que pudesse vir a se arruinar totalmente, Odorico resolveu casar logo e ir, de próprio, tomar conta da última estância que lhe restava. E quando deu conhecimento à noiva das suas intenções...
- Ana - Como foi que você disse?!... Que nós íamos morar na estância?!...
- Odorico - Somente nos primeiros tempos, querida. Depois se arranjará um jeito de voltarmos para a cidade.
- Ana - Mas você não me havia prometido que fixaríamos residência no Rio ou São Paulo?
- Odorico - Sim, sim... efetivamente eu lhe prometi isso, mas acontece que os meus negócios se complicaram e eu preciso mudar de vida e me postar à testa deles.
- Ana - Mas você não me disse, logo que tratamos casamento, que tinha gente de

absoluta confiança tomando conta de todos os seus negócios em todas as suas fazendas?

Odorico - Bem, quer dizer... eu achava que eles eram de confiança e as informações que eu tinha deles eram as melhores possíveis... aconteceu que foram surgindo casos aqui e ali e eu fui chamado a interceder diretamente neles e, vendo a coisa de perto, pude verificar que a honestidade dos meus administradores era apenas aparente. No fundo eles não passavam de habilidosos vigaristas que, muito dissimuladamente, estavam me passando pelo fundo de uma agulha, como se diz geralmente.

Ana - (amarga) Em resumo: você está reduzido a menos da metade da sua fortuna e si não tomar conta dela diretamente, acabará por perdê-la também; não é isto?

Odorico - Sim, querida, esta é a verdadeira situação que eu não posso nem devo esconder de ti. Mas isso não te deve preocupar tanto porque eu posso te afirmar que si nos resolvermos a cuidar da nossa estância como ela deve ser cuidada, em meia dúzia de anos estaremos preparados para viver o resto da nossa vida sem nos preocuparmos.

Ana - (amarga) Você... você disse meia dúzia de anos?!...

Odorico - Sim. Por que? Parece-lhe muito?

Ana - Parece-me, não. É muito. Meia dúzia de anos para quem detesta a vida de fazenda é uma eternidade.

Odorico - Mas a fazenda é lindíssima... e casa muito confortável... você verá como os seis anos passarão sem que você os sinta.

Ana - Não verei, não, Odorico, porque eu já lhe disse uma vez e lhe repito agora que não morarei em fazenda nem seis dias, quanto mais seis anos.

Odorico - Mas então... nesse caso... você cria um problema muito sério para mim meu amor. A não ser que você se sujeite a continuar aqui e eu venha, mensalmente, fazer-lhe uma visita de três dias, no máximo. Mas isso eu lhe confesso que será muito pouco agradável para mim.

Ana - (ironica) Há uma outra solução que você não pensou, mas que eu vou lembrar agora.

Odorico - Qual é? Diga...

Ana - Desmanchamos o nosso noivado.

OPERADOR - RAJADA AGUDA EM B/G. SEM CORTAR A CENA.

Odorico - (choque) Han? O que?!... Você... você está falando séria ou está brincando comigo, Ana Catarina?

Ana - Estou falando séria, Odorico. A única solução que eu encontro para este assunto é desmanchamos o nosso casamento.

OPERADOR - NOVA RAJADA, SEM CORTAR.

Odorico - Mas então... é dessa forma que você me ama? Propondo-me o desmanche do nosso noivado só porque será obrigada a viver fora meia dúzia de anos?

Ana - Quando tratamos casamento eu fui bem franca com você. Disse-lhe que havia nascido para viver em grandes centros e você foi o primeiro a me propôr de transferirmos residência para Rio ou São Paulo. Agora que estamos prestes a nos casar você quer enterrar-me numa estância? (forte) Não e não!

Odorico - Ana Catarina, por favor... Reflita.

Ana - Não ha o que refletir, Odorico. A minha resolução está tomada. (Pausa e tom) Aqui tem a sua aliança.

Operador - NOVA RAJADA SEM CORTAR.

Odorico - (depois de pausa, sofrendo) Você... você tem certeza de que não irá se arrepender, um dia?

Ana - Eu não costumo me arrepender daquilo que faço.

Odorico - (depois de pausa, sentido) Está bem, Ana. Adeus, então... e seja feliz.

Ana - (seca) Obrigada. Você também.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SE PERDEM.

Ana - (depois que os passos se perdem) Ora veja! Seis anos de estância! Eu! Logo eu ficar seis anos enterrada numa estância, à espera de que o senhor meu marido se refaça da anemia das suas finanças!... (ri com pouco caso) Como os homens são pretenciosos, meu Deus!... (Pausa) Ora já se viu?! (transição, lembrando e rindo) Ih, a mãe é que vai ficar de desesperada quando souber que eu rompi o meu noivado!... Vou agora mesmo dar-lhe a "tremenda" noticia. (afasta-se gorgalhando até sumir)

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM COM AS GARGALHADAS.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, ABAFANDO AS GARGALHADAS.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA PARA O 2º ATO.

Narrador - Quando dona Azaléa foi sabedora do rompimento do noivado de sua filha, ficou verdadeiramente desesperada, recriminando-a acerbamente.

Azaléa - Você não toma juízo, minha filha? Você não toma juízo?

Ana - Engana-se, Mãe. Foi justamente por ter juízo que desfiz o meu noivado com Odorico.

Azaléa - Um rapaz que era loco por você e que a encheu de presentes os mais valiosos! Que pretende você, afinal? Diga?

Ana - Desejo um homem possuidor de uma fortuna sólida e que não me obrigue a viver enterrada numa estância as melhores horas da minha vida.

Azaléa - Mas Odorico é considerado um dos melhores partidos, minha filha!

Ana - Foi. Já não é mais. E quem perdeu três estâncias no curto espaço de um ano e meio, não oferece a necessária garantia de futuro a uma mulher que deseja viver no fausto e na opulencia.

Azaléa - Você devia ser mais moderada nas suas exigências, é o que é. Afinal... você já não é mais uma criança; está com vinte nove anos feitos e dentro de mais tres ou quatro já começará a ser considerada uma solteirona.

Ana - Muito antes que isso possa acontecer, eu terei assegurado o meu futuro, fique descansada.

Azaléa - Ouço você falar assim desde os dezenove, são transcorridos dez anos e você continua na mesma.

Ana - Porque não vejo necessidade alguma de me afogar em pouca agua. Simplesmente por isso. Enquanto possuir elegancia, fortuna e beleza... não ha de ser qualquer um que me conquistará.

Azaléa - E quando deixar de possuir esses atributos, tambem não ha de ser qualquer um que lhe desejara.

Ana - Mas até que a beleza e a elegância me abandonem, ainda terei muito tempo para escolher e exigir. (TOM) E não vance falar mais neste assunto, ouviu mãme? Terminei o noivado com Odorico porque ele não me convinha mais e pronto!

Narrador - Dois anos depois desse fato, um novo pretendente se apresentou como candidato à mão de Ana Catarina. Tinha todas as qualidades que uma mulher, mesmo exigente, pudesse desejar: boa família... bom físico... inteligência... saúde... amor ao trabalho... simpatia, delicadeza, firme no trato e bom gênio, mas... faltava, para Ana Catarina, o principal: - dinheiro. E a resposta, naturalmente, foi um "não" redondo. (P.) Ela continuava firme no seu ponto de vista:

Ana - O dinheiro que tenho é meu e ninguém deve contar com ele. Quem desejar casar comigo deverá ter o necessário para satisfazer todos os meus caprichos. Quem não puder fazer isto, estará perdendo o seu tempo em fazer-me a corte. Nem sei como um rapaz que conte apenas com o seu ordenado, possa ter o tope de se apresentar à minha frente e me propor casamento!

Narrador - E mais tres anos se passaram sem que a situação fôsse modificada. De repente, surge, como que por encanto, na cidade, um refugiado hespanhol que se dizia conde e que foi logo rodeado e incensado pela futilidade da alta roda que lhe disputava, e ofrega, a graça da sua nobre convivência. Don Carlos Henrique de Urquiza y Aragon, como não podia deixar de ser, sentiu-se logo atraído pela elegância e beleza de Ana Catarina e na primeira oportunidade que se lhe apresentou...

Carlos - No he visto, jamás, ojos tan impresionantes como los suyos, señorita.

Ana - (coquete) Verdade?

Carlos - Como nó? Impressionantes y hondos como los abismos.

Ana - Eu preferia que eles não fossem fundos nem impressionantes, mas que fossem belos.

Carlos - Pero lo son, como nó? Divinamente bellos. ^(Tom) Sí, nó... divinamente nó. Diabolicamente bellos! Diabolicamente, sí, y por eso, precisamente, es que son tan hondos.

Ana - Interessante como variam a maneira de ver e sentir de cada um. Sabe o senhor que não ha muito tempo alguem me disse que os meus olhos eram angelicalmente belos?

Carlos - Angelicalmente bellos? No crea, señorita. No crea y no desee, tan poco.

Ana - Por que?

Carlos - Porque las cosas angelicas no despiertan la misma curiosidad y ni tienen el mismo sabor de las cosas diabolicas.

Ana - Mas em compensação também não despertam a mesma confiança.

Carlos - Bueno, puede ser, ^{pero} le digo yo, con mi larga experiencia del amor y de la vida, que lo que mas acerca un hombre a una mujer es la sensacion de la inseguridad. Con el afan de prender y el temor de perder a una mujer, el hombre se deja llevar por el tiempo y se olvida de las demás mujeres.

Ana - Si a maioria dos homens pensar como o senhor... (rindo) pobres das moças ingênuas e com carinhas de anjo!

Carlos - Casi todos los hombres piensan como yo, señorita, puede creer. Por lo menos los que sean valientes y destemidos.

Ana - Os que gostam de luta, não é isto?

Carlos - Eso es.

Ana - Quer dizer, então, que o senhor não gosta das coisas fáceis? Prefere lutar para conquistá-las?

Carlos - Ciertó.

Ana - Pois então vou lhe dizer que eu também sou assim.

Carlos - Mui bien. Estamos iguales, entonces.

Ana - O que vale dizer que muito dificilmente nos entenderemos.

Carlos - No, nó. Yo pienso justamente al revés.

Ana - Pois então esperemos para ver qual de nós está com a razão.

Carlos - Esperemos, por que nó? En el amor, como en todas las cosas de la vida, lo que anda siempre despacio, si no gana... tampoco lo pierde.

Narrador - Depois do primeiro contato com Ana Catarina, o Conde Don Carlos Enrique se mostrou muito mais impressionado pela moça, passando a cortejá-la com maior insistência. Ela, embora já estivesse francamente decidida a aceitá-lo, protelava o instante de acatar-se com ele, pelo prazer de se tornar difícil e pela certeza de aguçar, com tal procedimento, os anseios do Conde. Já andavam as coisas nesse pé em mais de um ano de corrido, quando dona Asaléa, sempre receosa pelo futuro da filha, resolveu adverti-la:

Asaléa - Os homens não gostam das coisas fáceis, eu sei, mas também quando elas se tornam difíceis de mais, eles se aborrecem e desistem.

Ana - Eu sei o que estou fazendo, mãe, não se preocupe.

Asaléa - Você pensa que sabe, minha filha, mas a verdade é que está levando as coisas longe de mais, quando a virtude está sempre no meio termo, não esqueça isso.

Ana - Engraçado! Logo no principio do nosso namoro a senhora se desesperou horrivelmente e fez tudo para que eu desistisse do Conde. Agora está desesperada porque acha que as coisas estão demorando muito para serem resolvidas. Como é que se entende isto, mãe?

Asaléa - Eu me desesperarei e muito justamente por vários motivos: primeiro porque ele é um homem bem mais velho que você e eu não sou apologista dos casamentos com muita diferença de idade; segundo porque é um estrangeiro que ninguém conhece e assim como pode ser realmente um nobre, pode muito bem ser um chantagista que se valha da credulidade e da futilidade da nossa sociedade, para ludibriá-la e terceiro porque até hoje ninguém ficou sabendo muito bem como é que ele vive e nem do que ele vive. Não te parece que eram razões bastantes para que eu te alertasse?

Ana - Talvez, mas a senhora acha que si alguém soubesse qualquer coisa de mal contra ele que já não teria vindo aqui, radiante nos contar?

Asaléa - A Honorina veio, não te esqueças.

- Óra a Honorina! A Honorina ficou desconfiada porque o Conde estava flertando com a filha dela quando se parou para mim. E assim mesmo o que foi que ela disse? Que ele era um "caça-dotes". E por que disse isso? Para fazer crer que ele se decidiu por mim não porque eu fosse mais bonita do que a Zaida, mas simplesmente porque eu era rica e ela não. Está visto que foi uma maneira de justificar a derrota da filha. Óra "caça-dotes" um homem possuidor de condados e castelos de ponta a ponta da Hespanha! (ri com escárnio) Só rindo mesmo!...
- Azaléa - Bem, minha filha, eu tinha as minhas razões para desconfiar e por isso me botei de quarentena. Depois... realmente vi que o tempo ia passando e que nada aparecia contra ele... fui ficando mais confiante. A única dúvida que ainda existia no meu espírito era a afirmativa de Honorina, mas eu ignorava que a Zaida tivesse sido namorada dele. Agora compreendo e estou mais tranquila.
- Ana - E quanto a não fazer nada, ele não faz porque não precisa fazer. E nem se admitiria um nobre trabalhando. Pelo contrário. Si ele trabalhasse em qualquer coisa, fôsse lá o que fôsse, não faltaria quem dissesse: "que conde nem conde! Então si ele fosse conde ia estar aqui trabalhando? Estava era na terra dele administrando os seus bens."
- Azaléa - Bem, isso também é verdade.
- Ana - Pois então? Não, mãe, a senhora não precisa ter nenhuma dúvida. O homem é conde mesmo, é pobre de rico e a sua filha, para despeito da dona Honorina e de muitas outras que se movem de inveja ~~dele~~, há de ser, muito em breve, a Condessa Ana Catarina Sobral de Urquiza y Aragon!...
- Azaléa - Deus o permita, minha filha, Deus o permita! Mas não faça as coisas assim tão difíceis, ouviu? Lembre-se do que eu lhe disse: a virtude está sempre no meio termo.
- Narrador - Alertada, talvez, pela experiência da mãe, Ana Catarina resolveu adrir aos constantes assédios do Conde de Urquiza y Aragon e não demorou muito tempo o noivado foi anunciado, com grande estardalhaço, aos parentes, amigos e à sociedade em geral. Dona Azaléa, mais uma vez, respirou, aliviada.
- Azaléa - Óra graças a Deus!... Praza aos céos, agora, que eles casem logo para que eu me veja livre deste pesadelo!
- Narrador - Ana Catarina, por sua vez, não cabia em si de orgulhosa e satisfeita. Não que ela devotasse ao Conde um afeto maior do que aquele que dedicara ao seu primeiro noivo, mas porque aquele noivado, como nenhum outro, era o que mais servia para incensar o seu desmedido orgulho e a sua vaidade sem limites. Era tanta a sua satisfação, tanta, que ela própria se surpreendia, por vezes, a repetir o seu nome precedido do título que iria conquistar com o casamento.
- Ana - Condessa Ana Catarina Sobral de Urquiza y Aragon!... Condessa, eu!... Condessa Ana Catarina!... Como as minhas amigas todas vão se ralar de inveja!... Condessa de Urquiza y Aragon!... Condessa, eu! Condessa!...

Narrador - Sim, era esta, sem dúvida, a grande atração do casamento que ela se preparava para realizar. Nenhuma outra coisa a empolgava tanto, ou melhor, nada a empolgava verdadeiramente, senão o título que ela passaria a adquirir. E foi assim, inteiramente dominada e seduzida por essa ideia, que ela tratou de acelerar o ritmo do seu enxoval tão suntuoso e deslumbrante quanto e deveria ser o enxoval de uma Condessa da mais alta estirpe. Nas vésperas do casamento, quando muito pouca coisa faltava para ser concluída, dona Azaléa recebeu a visita inesperada do administrador dos seus bens que mantinha com ela uma conferência de duas longas horas. Quando ele se retirou, a pobre senhora, muito pálida e abatida, foi ter com a filha para lhe revelar a dolorosa verdade.

Azaléa - Minha filha, prepara-te para ouvir uma verdade dura e cruel.

Ana - Ih, mãe, lá vem a senhora com os seus dramas. Que foi que aconteceu seu?

Azaléa - O pior que poderia acontecer: estamos completamente arruinados!

OPERADOR - ACORDE AGUDO, EM FUNDO, SEM CORTAR A CENA.

Ana - (dá uma gargalhada extensa e cristalina, de pouco caso)

Azaléa - (assombro) Minha filha!... Que é isto, minha filha?!... Tu enlouqueceste ou não entendeste bem o que eu te disse?

Ana - Entendi, mãe. Entendi perfeitamente. Estamos arruinados; não é isto?

Azaléa - É isto, sim, mas... tu recebes uma notícia destas com uma gargalhada, minha filha?!...

Ana - E o que é que a senhora quer que eu faça? Que se pare a chorar? Que é que adianta?

Azaléa - Mas minha filha, nós temos que pensar numa maneira de enfrentar esta situação; não podemos permanecer de braços cruzados. Há contas e contas a pagar e já não temos mais do que lançar mão. Até esta coisa terá que ser vendida.

Ana - Olhe, mãe: desde que ela não seja vendida antes do casamento... o resto não interessa.

Azaléa - Filhinha, por favor, não me abandones agora! Não me deixes sózinha! Procura ajudar-me. Eu estou completamente desorientada e preciso de alguém que me auxilie.

Ana - Mas é o seu administrador o que faz? Ele é que tem que pensar em tudo e tratar de tudo, não somos nós.

Azaléa - Ele há muito que vinha nos advertindo que estávamos gastando demais e que ele não tinha meios de atender a tantas exigências. Hoje, cansado da inutilidade das suas advertências, veio fazer o último apelo te de contas e desistir-se das suas funções.

Ana - (enfadada) Óra, mãe, quer saber de uma coisa? Deixe tudo como está. Daqui a vinte dias eu estou casada e nós estaremos ambas garantidas para o resto da vida. Vende vender tudo em leilão, pague o que puder e o que não puder deixe que depois o Conde pague.

Azaléa - (pasmo) O Conde?!... Mas minha filha, tu achas que ele vai pagar...

Ana - (corta) Mas é claro que vai pagar. Então ela vai deixar o nome da mulher andar na boca da plebe como caloteira? (P. e P.) Deixe as coisas correrem, mãe, não se preocupe.

Narrador - E as coisas foram correndo assim como estavam durante mais alguns dias. E tudo teria ido muito bem, se não corresse também, lá fora, os boatos da catástrofe que acabara de atingir dona Amélia e Ana Catarina. E tanto eles correram... tanto foram se espalhando e se engrasaram... que o próprio Conde resolveu tocar no assunto à sua quasi esposa.

Carlos - Mi querida, yo te quiero hablar de una cosa muy delicada... y que no deberia hablar, mientras no fuera tu esposo, pero... es que la gente habla tanto... dicen tantas cosas... *que uno se queda curioso en saber la verdad; no es cierto?*

Ana - Eu já sei o que te preocupa. Com certeza foram te dizer sobre a venda da nossa estância e desta casa onde moramos; não é isto?

Carlos - Si, si... eso es.

Ana - Que gente que vive a se preocupar com a vida dos outros, meu Deus!... E se fôsse verdade? Que tinha isso de mais?

Carlos - Bueno... si fuera verdad... yo me quedaria muy triste por ver caer en manos ajenas una cosa que es tuya, que te *pertenesse.*

Ana - Pois é, mas a mãe já quisou vender... eu não posso fazer nada.

Carlos - Es una lastima!

Ana - Bem, mas se tu realmente não desejas que caíam em mãos estranhas as coisas que deveriam ser minhas, há uma solução muito fácil: tu podes comprá-las da mãe e elas continuarão a ser minhas.

Carlos - (indeciso, desapontado) Bueno, pero... si, si... no hay duda, es una solucion, en verdad...

Ana - Si quieres conversar con ella sobre el asunto, eu posso chamá-la e aí...

Carlos - (corta) No, no, no... ahora no. Hablaremos mañana o después... Hay tiempo, no? Despachito todo se arregla.

Ana - Mas é que a mãe já está em negocios, entendes? E se tu não te apressares em falar com ela, podes acontecer o que tu não desejas que aconteça.

Carlos - Si, si, pero... es que así tan pronto... no se puede *resolver* un negocio de vulto, entiendes? Hay que ver, hay que pensar...

Ana - Eu sei, eu entendo; mas o fato de você conversar com a mãe hoje, não quer dizer que você seja obrigado a resolver também hoje o negocio. Você pode conversar com ela e pedir que ela espere na dias até se resolver o ne...

Carlos - (corta rápido) No, no, no, por ahora no. Hoy no quiero ni *pensar* en negocios. No es mi día afortunado, entiendes? Mañana o después hablare con ella.

Ana - Está bem, quando você quiser, então, mas agora deixemos de parte essas coisas sem importância e falemos sobre o nosso proximo casamento.

Narrador - Ana Catarina não estava realmente se preocupando com aquela trama da dificuldade financeira que, em verdade, considerava coisa sem in

portância; seu noivo, no entanto, embora tivesse empregado o máximo do seu esforço em fingir que não estava dando maior importância ao fato, não podia ocultar, a quem quer que tivesse tido o cuidado de observá-lo, o seu tremendo desencanto e a sua profunda decepção. Pouco falou durante aquela noite, retirando-se mais cedo do que de costume, sob o pretexto de uma tremenda "dolor de cabeça". No dia seguinte, na hora em que ele deveria aparecer para a sua visita habitual, um mensageiro bateu à porta da casa da moça, trazendo-lhe uma carta da parte do noivo. Dona Azaléa estremeceu.

Azaléa - (medrosa) Uma carta... para ti, minha filha... Dize... que é do teu noivo...

Ana - Ué, que bobagem é essa de carta? A trôca de que?!

Azaléa - Não sei, minha filha... vieram entregá-la... eu recebi...

Narrador - Ana Catarina rasgou o envelope cinza claro, encimado por um brasão colorido e começou a leitura da carta. Dona Azaléa tinha o coração aos saltos e não desprendia os olhos da fisionomia da filha, como que procurando adivinhar, através dela, o conteúdo daquela inesperada missiva. Viu a filha empalidecer, morder o lábio inferior, para conter o despeito que lhe assaltara, e notando a onda de rubor que lhe coloria fortemente o rosto, indagou, angustiada:

Azaléa - Que foi, minha filha? Que te diz ele nessa carta?

Ana - (raiva contida) A senhora quer mesmo saber? Pois bem, ele, simplesmente, desfas o nosso noivado!

OPERADOR - ACORDE AGUDO EM B / G. SEM CORTAR A CENA.

Azaléa - (choque tremendo) Ahn?!... Não!... Minha filha, eu... (engolando a língua) eu estou sentindo uma coisa... acho... acho que vou...

Ana - (susto) Mãe! Mãe, que é isto?! Que é que a senhora tem?!

CONTRA REGRA - QUEDA DE CORPO PESADO.

Ana - (grito agudo) Mãe!... Mãe, não!... (choreando) Mãe! Mãe!... (desata a soluçar, desesperada) Não, Mãe, não!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO SEGUNDO ATO

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA DO 3º ATO.

Narrador - Dona Azaléa, embora já tivesse adivinhado a terrível sentença contida na carta que sua filha acabara de receber, ainda assim não resistiu à confirmação dos seus pressentimentos, sendo acometida por um derrame cerebral que, em menos de quinze dias, deu cabo da sua vida. Vendo-se inteiramente só e na iminência de ser despejada da sua própria casa, Ana Catarina se viu obrigada a pensar na maneira de salvar-se da ruína e da vergonha. Mandou chamar o antigo procurador de sua mãe e depois de ter obtido, d'isto, a certeza de que tudo estava perdido, desviou sua atenção para as joias recebidas do seu primeiro noivo e, vendendo-as a um e outro, particularmente, pôde, ainda, por mais de dois anos, manter as aparências do seu antigo fausto. Quando o último bracelete foi sacrificado pela metade do seu valor real...

Ana - Bem... eu agora vou jogar a minha última cartada. Se for fôlha... eu terei salva, caso contrário... não terei outro remédio senão mudar de vida e sujeitar-me ao que der e vier.

Narrador - E dizendo isto sentou-se à sua escrivaninha e redigiu o seu primeiro ex-noivo uma longa e chorosa carta que terminava com o seguinte apêlo:

Ana - (tom de carta) Foi preciso que tudo isto acontecesse para que eu me convencesse de que foi você, em realidade, o único homem a quem amei verdadeiramente, visto que a sua lembrança continuava sempre presente no meu pensamento, quer nas horas felizes como nas amargas, vividas depois que os nossos corações se separaram na dolorosa ecoruzilhada dos desentendimentos. Eu preciso de você, Odorico, preciso da sua presença. Ainda que seja para apagar no meu coração o último resquício da esperança que êle alimenta de tornar a ser feliz junto ao seu coração... ainda assim eu quero ouvir, dos seus próprios lábios, a minha condenação eterna. Venha, Odorico, eu lhe suplico, desesperada. E venha o quanto antes. Da sua e sempre sua, Ana Catarina.

Narrador - Odorico recebeu a carta da sua ex-noiva ao cair da tarde e até alta noite permaneceu a pensar nela, completamente confundido e sem saber que atitude tomar. O sono surpreendeu-o, pela madrugada, sem que tivesse firmado qualquer propósito, mas já na manhã seguinte... (Segue)

OPERADOR - RUIDO DE TREM EM MOVIMENTO, SEMPRE EM B/G.

... ele se encontrava e o minho da cidade, embora sem ter resolvido a atitude que tomaria ao se defrontar com a mulher que amava verdadeiramente e de quem lhe viera a maior e mais profunda decepção da sua vida! Queimavam-lhe, ainda, os ouvidos, as candentes palavras que ela pronunciara ao romper com êle o seu compromisso:

Ana - (câmara de eco) Quando tratamos casamento eu fui bem franca com você. Disse-lhe que havia nascido para viver em grandes centros e você foi o primeiro a me propor de transferirmos residência para o Rio ou São Paulo. Agora que estamos prestes a nos casar, você pretende enterrar-me numa estância? (forte) Não e não!

OPERADOR - VAI SUMINDO O TREM E CORTA.

Narrador - Logo depois de haver chegado à gare da Capital, Odorico se dirigiu para a residência da sua ex-noiva, bastante nervoso e emocionado. Sabedor que fôra de todas as desgraças que se haviam abatido sobre ela durante a sua ausência, esperava ela encontrar uma moça pálida e abatida, o rosto sulcado pelo amargor das lágrimas choradas, o corpo curvado ao peso dos desenganos. Nada disso aconteceu, no entanto. A Ana Catarina que êle viu à sua frente foi a mesma de outrora, cabeça erguida, altiva, arregante quasi, olhos e boca espandosamente pintados, pele tratada e sobressaindo do negror do seu elegante vestido de luto. (Pausa e tom) Não fôra assim que ela esperava e desejava encontrá-la.

Odorico - (depois de pausa) Você... está bem.

Ana - Procuro estar. Você é que amareceu bastante.

Odorico - Também, pudera! Hoje sou um homem que trabalha... e muito. Fudei completamente a maneira de viver. Desde que o sol nasce, até que se põe, estou no campo acompanhando o trabalho da picada e puxando paralelo com eles. (P.e.f.) O risco de ficar na miséria arrebatou-me, em boas horas, da inércia em que eu vivia.

Ana - (insinuando) Eu também mudei muito de dois anos para cá.

Odorico - Para ser bem franco, Ana, devo dizer-lhe que não noto nenhuma diferença em você.

Ana - Bem, quer dizer... talvez que fisicamente eu não demonst^{re} qualquer modificação, espiritualmente, porém, estou completamente outra, creia. E foi muito bom que você tivesse atendido o meu apelo, Odorico, para poder se certificar do que lhe digo. Dar-me-á oportunidade de lhe falar pessoalmente das minhas disposições atuais.

Odorico - Quais são elas?

Ana - Matei na minha cabeça, outrora leviana, aquelas ideias loucas de deslumbrar a sociedade com a elegância das minhas toilletas e o requinte das minhas atitudes. Hoje o que me empolga é a vida calma e tranquila, numa casa distante, ao lado do homem que amo e a quem desejo servir em vez de o ter como vassalo, como outrora pensava. (Pausa longa.) Por que está tão quieto e pensativo? Não ouviu o que eu disse?

Odorico - Ouvi, sim, Ana e estou pensando justamente sobre o que você disse.

Ana - É o que está pensando? Diga.

Odorico - (Pausa) É melhor não dizer.

Ana - Por que?

Odorico - Porque você não gostaria de ouvir.

Ana - Por que não? Mesmo que os seus pensamentos não se sajam favoráveis, pelo menos eu poderei rebatê-los e fazer com que você se convença da verdade.

Odorico - Pois bem, se você deseja que eu fale, ouça então: quando recebi sua carta, tive a ingenuidade de acreditar que você estivesse sendo sincera, reconhecendo o erro que praticou e procurando restaurar uma felicidade perdida. E foi nessa ilusão que vim ao seu encontro. No entanto agora, frente a frente com você, tive o amargor de verificar que você ainda é e será, sempre, a mesma mulher de outros tempos, calculando cada palavra proferida, cada gesto, cada atitude, cada expressão. Acontece que você, Ana, não é boa artista e não chega a convencer a quem, como eu, já a conhece de sobre.

Ana - (picada) Mas então... por que veio?

Odorico - Porque acreditei que depois das adversidades sofridas, você houvesse realmente se modificado. Enganei-me. Você ainda é a mesma e aí nesta oportunidade não se modificou, nunca mais se modificará.

Ana - Mas por que pense, então, que lhe escrevi, pedindo-lhe que viesse?

Odorico - Por cálculo... e por nada.

Ana - Não entendo.

Odorico - É simples. Você perdeu tudo e sabe que precisará encontrar, a qual quer preço, alguém que assuma a responsabilidade de sua vida, para que você possa continuar a manter a dignidade de sua posição. Quando era rica, dava-se ao luxo de escolher e até mesmo de recusar os candidatos que não satisfizessem inteiramente as suas pretensões. Agora... as coisas mudaram e você, pelo temor de uma transformação completa na sua vida, volta os olhos para o passado e busca, entre as que a incensaram com o seu amor, aquela que melhor possa, ainda, servir aos seus interesses. Entre ter que se enterrar numa fazenda ou ter que se empregar para garantir o seu pão de cada dia, a primeira fórmula sempre lhe pareceu mais suave e menos detestável que a segunda. Foi então que você teve a ideia de se esquecer, confessando-me um amor que você só é capaz de sentir por você mesma. (Pausa e tom) O que é certo em tudo isto, Ana, é que você ainda continua a mesma que era ao tempo em que fomos noivos.

Ana - Você acha, então... que eu não mudarei nunca?
 Odorico - É muito difícil que isso aconteça, em todo caso, pode ser que um dia...
 Ana - E si esse dia chegar e você se convencer que eu mudei realmente?
 Odorico - Bem... aí talvez as coisas mudem também de rumo. Por óra, não. Por óra elas continuarão assim como estão. (Tom) Você precisa sofrer realmente para se modificar.

Narrador - Odorico voltou à sua fazenda e Ana Catarina continuou fazendo verdadeiros malabarismos para se manter no seu antigo viver de moça rica. Vendeu os lençóis de linho do seu precioso noivo, as toalhas de finíssima cambraia bordadas, guardanapos de adorno, rendas valencianas, aparelhos de chá e café das mais finas porcelanas, libereiros de cristal, marfins, bronzes e... finalmente... seu principesco vestido de noiva coberto de pedrarias! Nessa altura dos acontecimentos, seus credores exigiram a entrega imediata de uma que há vários anos ela continuava a ocupar por condescendência e sem nenhum direito. Acossada por todos os lados e desprezada por todas as amigas - que ela tudo fizera para afastar ao tempo em que era rica - começou a sentir-se desorientada e tonta diante do intratável e irremediável. (P. B.) Compreendendo a situação da infeliz criatura, uma antiga amiga de sua mãe a quem Ana Catarina apelidara de "Butantan", esquecendo suas antigas mágoas, correu a aconselhá-la.

Loloca - Você não gosta de mim, eu sei e eu também não quero de amoras por você, para dizer bem a verdade, mas afinal você precisa de alguém que lhe aconselhe e, em memória de sua mãe, de quem fui sempre tão amiga. (fria) "A Loloca Butantan" veio conversar com você. (Pausa e tom) Você já pensou em trabalhar?

Ana - Ainda não, mas... penso que serei obrigada a pensar.
 Loloca - (passa) Ainda não pensou?!... Mas como é que você vai comer, criatura? Como é que vai correr? Vestir? Você acha que tudo isso vai cair do céu?

Ana - Eu sou horrível trabalhar, Loloca. Acho o "fim" para uma mulher.

- Loloca - Pois eu não acho. Antes trabalhar do que virar vagebunda e andar por aí, rolando de mão em mão.
- Ana - (choque) Credo, Loloca! Eu acho que ninguém pensou nisto...
- Loloca - Por enquanto, acredito. Mas quando a pessoa se vê perdida, minha filha... se apega a qualquer taboa que lhe pareça de salvação. E foi justamente com receio disto que eu resolvi vir lhe aconselhar. Eu disse para mim mesma: "vai, Loloca, vai, tú fôste tão amiga de Azalés... talvez que a maluca da filha te dê uma corrida, mas pelo menos tú ficarás bem com a tua consciencia." (COM) Agarrei e vim. Vim conversar com você para nós pensarmos num emprego qualquer onde você possa trabalhar e ganhar a sua vida, honestamente.
- Ana - Eu não queria trabalhar, Loloca, não queria. Detesto o trabalho.
- Loloca - Mas você pensa que eu também não detesto? Trabalho porque preciso, óra essa! Si pudesse, vivia de papo pro ar, torando sorvetes e escutando valess. Mas não pode ser, não pode ser, paciência. O que não tem remédio remediado está.
- Ana - (pausa) Escute, Loloca, você está mesmo disposta a se ajudar?
- Loloca - Claro que estou, do contrario não estaria aqui, óra essa!
- Ana - Pois bem, você se lembra dos pretendentes pobres que eu tive quando a mãe era viva?
- Loloca - Deixe ver... eu me lembro do Vitor... do Bertuliano... acho que só. Você teve algum outro?
- Ana - Meu Deus! Tive o Ewandro... o Abílio... o Hugo... o Demóstenes...
- Loloca - Bem, mas esses já estão todos casados.
- Ana - Todos, não. O Abílio e o Hugo ainda estão solteiros. Todos dois tiveram loucura por mim. Você não podia falar com eles e dar-lhes a entender que hoje eu seria capaz de aceitá-los, si eles me pedissem em casamento?
- Loloca - Mas não se esqueça de que todos os dois são pobres e você teria que trabalhar do mesmo jeito, porque acho que nem empregada eles lhe poderiam dar.
- Ana - Bem, mas pelo menos eu trabalharia dentro da minha casa e isso eu vou lhe dizer que já nem me importo mais. Não quero é passar pelo vexame de atender, atrás de um balcão, pessoas que me conheceram nos meus aureos tempos. Isso é que eu não quero.
- Loloca - Ah bom, isso realmente deve ser muito enojado.
- Ana - A senhora seria capaz de falar com o Abílio ou com o Hugo como coisa sua?
- Loloca - Falo, não me custa. E o que eles me responderem eu digo a você.
- Narrador - E dona Loloca falou com os dois rapazes e depois de tres ou quatro dias voltou a procurar Ana Catarina para trazer-lhe a resposta das entrevistas mantidas com os seus antigos pretendentes. E na sua maneira esganada, foi logo dizendo à moça, com toda a franqueza:
- Loloca - O Abílio disse redondamente que não lhe quer mais, nem mesmo outra vez coberta de ouro. Está quasi noivo de uma prima, disse que gosta muito dela e que não a trocaria, hoje, nem pela mais bela universa.

- Ana - (depois de pausa) E o Hugo?
- Loloca - O Hugo é que andou querendo embarcar na canoa furada, mas de repente roncou-lhe o diabo nas tripas e ele me perguntou: "é verdade que ela vai ter que sair da casa onde mora porque nem ela mais lhe pertence?" Você vê... não adiantava nada eu pretender enganar o rapaz porque mais tarde ou mais cedo ele viria a saber a verdade. Então falei: É verdade, sim. Ele sorriu e me respondeu: "Uma vez ela me recusou porque eu era pobre... agora chegou a minha vez. Não, dona Loloca, pra longe de mim. Saravah! Eu estou muito bem como estou. Casar com preta que nem eu, não mesmo."
- Ana - Que pens!...
- Loloca - Pois é, minha filha, é uma pena mesmo mas não vejo outra solução que não seja o batente.
- Ana - Ai, que horror!... Quando me lembro disto, fico toda arripiada. Si ao menos eu pudesse ir para outra cidade qualquer, onde ninguém me conhecesse...
- Loloca - Pois eu justamente ia lhe fazer uma proposta nesse sentido.
- Ana - Que proposta, dona Loloca? Diga.
- Loloca - Eu tenho uns amigos que moram em Ramos e que são proprietários lá, de um grande bagar. Si você levasse uma carta minha para eles, estaria empregada na mesma hora. E quem sabe, até, si você não esbocharia se ocupando por lá?
- Ana - Isso é que seria o melhor de tudo, dona Loloca.
- Loloca - Dizem que quem muda de terra muda de sorte... Pode ser muito bem que isso aconteça. Afinal... você ainda é bem bonita, apesar de estar um tanto madurona. O essencial é não se parar a exigir mundos e fundos, como fez aqui.
- Ana - Bem... exigir não, porque eu não estou em situação disto, mas também não aceitar qualquer pé rachado que me apareça também não, porque afinal eu não estou assim na última lona.
- Loloca - Não, não está na última lona mas também não anda muito longe da penultima e mercadoria encalhada, minha filha, a gente vende por qualquer preço. Você quer que eu lhe diga uma coisa em seu proprio benefício? Não ha coisa pior, na vida, do que a gente envelhecer sozinha, sem ter quem se interesse pela nossa vida e sem ter, também, a gente, sobre quem derramar as inensas reservas de ternura que se traz dentro d'alma e que a velhice não consegue secar. Pelo contrário, até parece que ainda se aumenta. E este é que é o pior e o mais doloroso capítulo da solidão! (Pausa e tom) Bem, mas deixemos isso de parte e tratemos do que serve. Você estaria disposta a se mudar para Ramos e procurar lá os seus amigos para trabalhar com eles?
- Ana - (num suspiro) Que remédio, não é dona Loloca?
- Loloca - Pois bem, então eu vou escrever uma carta para lá e amanhã mesmo, si você quiser, poderá ir tentar nova vida.
- Narrador - Ana Catarina aceitou a sugestão de dona Loloca e mudou de carta-reta

comendação, lá se foi para Ramos tentar a sua última cartada. Empragou-se no bazar, alugou um quarto numa casa de cômodos e tropeçando aqui, tropeçando ali, foi aos poucos se adaptando à sua nova vida. (TOM) Para surpresa de todos, e sua própria, em menos de um ano estava completamente adaptada e fazendo do trabalho, que tanto a assustara, o motivo principal de sua vida. E assim os anos foram passando, Ana Catarina envelhecendo e perfeitamente conformada com a sua luta pelo pão de cada dia. Só o que a desesperava verdadeiramente era verificar que Loloca tinha tido razão quando lhe dissera:

Loloca - (camara de éco) Não há coisa pior na vida do que a gente envelhecer sósinha, sem ter quem se interesse pela nossa vida e sem ter também a gente sobre quem derramar as imensas reservas de ternura que se tras dentro d'alma e que a velhice não consegue secar. Pelo contrário, até parece que ainda se aumenta. E êste é que é o pior e o mais doloroso capítulo da solidão!...

Narrador - E realmente assim era. Ela já não chorava as oportunidades perdidas no passado, pelo fato de ter ficado solteirona. Não. Isso, em realidade, não era a causa maior da sua preocupação e da sua tristeza. O que ela sentia, mais que tudo, era a nostalgia de ser só. De ter tanto amor e tanta ternura dentro do seu peito, e borbulhar como uma chaleira que secasse ao fogo, sem que a água fôsse aproveitada para coisa alguma. Isso, isso era o pior de tudo! Ter tanto o que dar e não ter a quem dar! (P. e T.) Enfim... ela não tinha que se queixar de ninguém sinão de si mesma. Fôra linda... fôra rica... tivera pretendentes sem conta... e a todos recusara porque nenhum satisfizera plenamente a sua desmedida ambição. Agora... que ela se daria a qualquer um... estava velha... desfeita... pobre... e a ternura que tinha para dar... ninguém queria! ... Não lhe restava mais nada sinão resignar-se à tremenda desventura de ser só!... E ela se resignou. E talvez porque tivesse se resignado, Deus lhe quis dar uma compensação. (TOM) Passados vários anos, a Loloca, já bastante velha, indo a uma exposição de flôres em Ramos - as flôres haviam sido a grande paixão da sua vida - lembrou-se de indagar sobre Ana Catarina. Indicaram-lhe a casa onde ela estava morando e Loloca foi procurá-la.

Ana - (mais velha) Dona Loloca!... Que surpresa!... Como foi que a senhora se lembrou de mim? Como descobriu a minha casa?

Loloca - (bem velha) Perguntei aos meus sobrinhas e elas me indicaram. Eu lhes disse: eu não quero voltar sem ver a Ana e elas então me trouxeram aqui.

Ana - Há mais de dois anos que eu deixei de trabalhar com elas, a senhora sabia?

Loloca - Elas me disseram. Disseram-me, também, que você casou. É verdade?

Ana - É verdade, sim. Casei duas horas antes do meu marido morrer. Ele havia perdido a filha e o genço num desastre e tomara conta dos netos. Eu o conheci na casa de cômodos onde morava, poucos dias antes dele ter que baixar ao hospital. Não tinha parentes e as crianças iam ficar ao mesmo pare. Ofereci-me para tomar conta delas até que ele se restabelecesse.

Ele aceitou, eu tirei férias e me dediquei à minha função de mãe a prazo fixo. Quando ele viu que ia morrer e deixar as crianças abandonadas ficou desesperado, o pobre. Eu então me ofereci para casar com ele e ficar, legalmente, de posse das crianças. Ele aceitou logo. Casamos no hospital e algumas horas depois eu estava viúva e com cinco filhos menores.

Loloca - Mas qual foi a vantagem que você levou com esse casamento, afinal? Ele deixou dinheiro, pelo menos?

Ana - Pouca coisa: esta casa onde moramos e uma pensão que eu recebo mensalmente e que bem controlada dá para as nossas despesas mais necessárias.

Loloca - Francamente, Ana, eu não sei onde você estava com a cabeça quando se propoz a fazer semelhante casamento! Não era muito mais conveniente para você viver sózinha e trabalhar só para você?

Ana - Claro que sim. Eu não teria a responsabilidade imensa de cinco vidas sobre os meus ombros cansados e trabalharia apenas para mim, mas por outro lado, agora, ao menos eu tenho a quem dar toda a ternura ardente que o meu peito expande. E isso é um bem, Loloca, um grande bem! Trabalho mais, luto bastante, tenho preocupações sem conta, mas mesmo assim, a todas as horas do dia e da noite, eu agradeço a Deus a maravilhosa oportunidade que me concedeu de fugir, finalmente, da tremenda nostalgia de ser só!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL PORTE PARA FINAL DO PROGRAMA.

DISTRIBUIÇÃO:

- Narrador..... Salimen Junior
- Asaléa..... Nina Rosa
- Ana Catarina..... Rosemaria Amaro
- Odorico Paulo Ricardo
- Don Carlos..... Roberto Lis
- Loloca..... Nelita Aguiar